

Onde estão os 'ricos' do Brasil? Confira ranking de cidades e Estados com as maiores rendas

 valor.globo.com/brasil/noticia/2023/02/13/onde-estao-os-ricos-do-brasil-confira-ranking-de-cidades-e-estados-com-as-maiores-rendas.ghtml

Estudo do economista Marcelo Neri leva em conta dados do Imposto de Renda para apurar renda e patrimônio médios pelo país

O **Distrito Federal** é a unidade da federação com maior renda média e também maior patrimônio médio por habitante no país, aponta um estudo do economista **Marcelo Neri**, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (**FGV Social**) chamado “**O mapa da riqueza no Brasil**”. O trabalho mostra onde estão os ricos no Brasil e leva em consideração a base de dados do Imposto de Renda, seguindo a mesma metodologia usada pelo economista francês **Thomas Piketty**, no livro “O Capital no século XXI”.

A renda média no DF é de R\$ 3.148, com patrimônio médio de R\$ 94.684. São Paulo aparece em segundo lugar no ranking tanto de renda (R\$ 2.063) quanto em patrimônio (R\$ 90.776). O Rio de Janeiro, por sua vez, ocupa a terceira posição no ranking de patrimônio (R\$ 63.128), mas apenas a sexta em renda (R\$ 1.754). Entre as capitais, o ranking é liderado por Florianópolis (R\$ 4.215), seguido por Porto Alegre (R\$ 3.775) e Vitória (R\$ 3.736).

“Quando a gente inclui os dados do Imposto de Renda, consegue mensurar melhor quem está no topo da distribuição de renda no Brasil. É um ganho frente às pesquisas domiciliares, que nem sempre conseguem bom retorno em condomínios de luxo, por exemplo, ou a declaração de renda não é tão clara. Com o estudo, consegue chegar até ao nível de município e até em regiões de municípios, em alguns casos, e mostra onde estão as maiores riquezas no Brasil”, afirma Neri.

O economista reconhece que há uma correlação entre o tamanho da economia de uma região – seja Estado ou município – e a renda média de sua população, mas destaca que há também ligação com locais com maior qualidade de vida, com capacidade de atrair a população de mais alta renda.

“A gente vê alguma coincidência entre o tamanho das economias e a renda média da população nas unidades da federação e municípios. Há alguma aderência razoável. Então temos lideranças entre Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, e Estados como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul subiram no ranking nos últimos anos, com o agronegócio. Só que a lista de locais mais ricos também inclui regiões que não têm necessariamente atividade produtiva forte, mas atraem os mais ricos pela qualidade de vida, como Nova Lima (MG), Niterói (RJ) e Santos (SP), por exemplo”, diz.

Em uma segunda parte do estudo, feito em parceria com o também economista **Marcos Hecksher**, técnico do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (**Ipea**), é calculada uma nova versão do **índice de Gini** – que mostra a desigualdade em um país. Neste novo formato, foram incluídos não apenas os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, como tradicionalmente é feito, mas também incluindo as informações do Imposto de Renda.

Por esse cálculo, o índice de Gini no Brasil chegou a 0,7068 em 2020, bem acima dos 0,6013 calculados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a partir da Pnad contínua. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais perto de 1 está o índice, maior é a desigualdade.

“Essa conta mostra que a desigualdade no Brasil é mais alta quando se incorpora os mais ricos, que aparecem melhor nos dados de Imposto de Renda. E é uma diferença grande. Tony Atkinson [o economista] dizia que cada 0,03 pontos equivale a uma grande mudança da desigualdade. Essa diferença de 0,7068 para 0,6013 equivale a três saltos de desigualdade”, afirma Neri.



— Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Comentários (5)